



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE EDUCAÇÃO - CEDUC
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

JOSÉ DAVID BARBOSA

**A MEMÓRIA DO TRABALHO FEMININO NA SULANCA EM SANTA CRUZ DO
CAPIBARIBE-PE: CAMINHOS E PERSPECTIVAS**

**CAMPINA GRANDE - PB
2022**

JOSÉ DAVID BARBOSA

**A MEMÓRIA DO TRABALHO FEMININO NA SULANCA EM SANTA CRUZ DO
CAPIBARIBE-PE: CAMINHOS E PERSPECTIVAS**

Trabalho de Conclusão de Curso (artigo)
Apresentado à Coordenação do Curso de
História, da Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito parcial à Obtenção
do Título de Licenciatura Plena em
História.

Orientadora: Profa. Dra. Patrícia Cristina de Aragão

**CAMPINA GRANDE - PB
2022**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

B239m Barbosa, Jose David.

A memória do trabalho feminino na sulanca em Santa Cruz do Capibaribe - PE [manuscrito] : caminhos e perspectivas / Jose David Barbosa. - 2022.

30 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação , 2023.

"Orientação : Profa. Dra. Patrícia Cristina de Aragão , Coordenação do Curso de História - CEDUC."

1. Memória. 2. Sulanca. 3. Trabalho feminino. I.
Título

JOSÉ DAVID BARBOSA

**A MEMÓRIA DO TRABALHO FEMININO NA SULANCA EM SANTA CRUZ DO
CAPIBARIBE-PE: CAMINHOS E PERSPECTIVAS**

Trabalho de Conclusão de Curso (artigo) apresentado à Coordenação do Curso de História, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à Obtenção do Título de Licenciatura Plena em História.

Aprovado em: 29 /11 /2022.

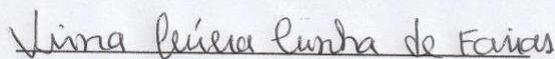
BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Patrícia Cristina de Aragão (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Matusalém Alves Oliveira
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Dra. Virna Lúcia Cunha de Farias
Instituto Federal da Paraíba (IFPB)

Dedico a todos que fizeram parte desse
processo.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Mulher costurando colcha de retalho	20
Figura 2 - Mulheres produzindo roupas para feira da sulanca	22
Figura 3 - Mulheres vendendo sulanca em feira livre	22
Figura 4 - Feira livre de confecção da sulanca	24
Figura 5 - Ambiente residencial com máquina de costura de produtos para Sulanca	25
Figura 6 - Mulher tirando linha de peças com vela	26
Figura 7- Maria Boaventura costurando retalhos de pano	27
Figura 8 - Máquina de Costura Manual	28
Figura 9 - Rosinete Maria Barboza costurando em máquina manual	29
Figura 10 - Reportagem sobre Graciete Boaventura	30

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	06
2	GÊNERO, MEMÓRIA E TRABALHO: UM DEBATE HISTÓRICO	09
3	O TRABALHO E A MEMÓRIA DA SULANCA	15
4	TRABALHO FEMININO EM SANTA CRUZ DO CAPIBARIBE	19
5	HISTÓRIAS SOBRE MULHERES NO TRABALHO COM A SULANCA EM SANTA CRUZ DO CAPIBARIBE – PE	24
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	28
	REFERENCIAS	29

A MEMÓRIA DO TRABALHO FEMININO NA SULANCA EM SANTA CRUZ DO CAPIBARIBE-PE: CAMINHOS E PERSPECTIVAS

THE MEMORY OF WOMEN'S WORK AT SULANCA IN SANTA CRUZ DO CAPIBARIBE-PE: PATHS AND PERSPECTIVES

José David Barbosa¹

RESUMO

Essa pesquisa propõe refletir sobre os processos da criação da sulanca por um ângulo de gênero detalhando sobre as estruturas patriarcais e a luta do feminismo. Apresenta também como o desenvolvimento econômico de Santa Cruz do Capibaribe- PE está ligado à sulanca, analisando quais e como são os processos que, de maneira informal, foram desenvolvidos por mulheres da época. Destaca a importância das feiras livres e a inserção gradual da mulher no mercado de trabalho remunerado, analisando narrativas que modificam o olhar social do que é naturalizado como ser mulher, ampliando o leque de pesquisas da linha de gênero e mundo do trabalho, possibilitando, através das narrativas abordadas, compreender a vida das mulheres da região trabalhada e entender como se deu o crescimento populacional e econômico da cidade.

PALAVRAS-CHAVE: Mulher. Trabalho. Memória. Sulanca.

ABSTRACT

This research proposes to reflect on the processes of creation of the sulanca from a gender angle detailing the patriarchal structures and the struggle of feminism. It also presents how the economic development of Santa Cruz do Capibaribe- PE is linked to sulanca, analyzing which and how are the processes that informally were developed by women of the time. It highlights the importance of free fairs and the gradual insertion of women in the paid job market, analyzing narratives that modify the social view of what is naturalized to be a woman, expanding the range of research on the line of gender and the world of work, enabling, through narratives addressed, to understand the lives of women in the worked region, and to understand how population and economic growth took place in the city.

KEYWORDS: Woman. Job. Memory. Sulanca

1 INTRODUÇÃO

O objetivo principal deste trabalho é evidenciar o trabalho feminino em Santa Cruz do Capibaribe- PE, sendo este o pilar central para entender a história da cidade, principalmente no que se refere às mudanças econômicas vivenciadas com o antes e o depois da criação da sulanca; os objetivos específicos versam sobre como se

¹ Graduando em História pela Universidade Estadual da Paraíba. E-mail: jose.david.barbosa@aluno.uepb.edu.br

consolidou esse processo, interligando o mesmo com contextos mundiais e, concomitantemente, evidenciando a globalização. Ponderamos também como isso influenciou a cidade.

Essa pesquisa destaca, portanto, uma questão problema, que seria a análise crítica de gênero no cenário trabalhista, analisando símbolos e representações de construções, desconstruções e transformações apresentadas por esses grupos que fizeram e fazem parte desse movimento, denominando-as de feministas. Fizemos a análise através de memórias das mesmas.

A ideia de escrever sobre gênero e mundo do trabalho e sua relação com a memória de Santa Cruz do Capibaribe partiu do processo de escolha pessoal e profissional, através de vivências e estudos, em especial durante a graduação, com leituras voltadas para História Regional. Como cidadão, vejo essa pesquisa como uma forma de participar ativamente do lugar ao qual pertencço, e como historiador, o meu compromisso com o tema vem do interesse para com o objeto de pesquisa, que se apresenta como fundamental para manter viva a memória das mulheres que revolucionaram a região trabalhada.

Por ter nascido no meio da sulanca, em meio a tecidos e máquinas de costura, cresci junto com a mesma. Nasci em 1997, época em que a sulanca já estava totalmente desenvolvida. Aprendi com minha mãe todos os processos de confecção, vi o quanto ela foi e é guerreira, criando no meu imaginário a ideia de que a mulher é a chefe da casa e estranhando outros lares que não tinham essa mesma configuração.

Para contribuir para a produção de história local, escolhi símbolos marcantes da região e da minha memória: mulher, sulanca e trabalho, coisas que tem a cara da cidade. Assim acredito estar produzindo uma narrativa historiográfica, tratando de um tema de grande valor para os santa-cruzenses e para todos os que possam se interessar pelo mesmo.

Pretendo assim, de modo geral, explicitar a relação entre os temas citados, a dificuldade da mulher para se inserir no mundo do trabalho e perceber como isto se perpetuou, as relações de trabalho e formas de opressão e a importância social e financeira da sulanca para a região, em especial para as mulheres quando analisamos através da ótica de gênero, mostrando que conseguiram se emancipar através da mesma.

O gênero é um fator central para a análise dessa pesquisa, isto porque a sulanca foi criada e reproduzida por mulheres, numa região de difícil acesso e com dificuldades naturais. Sem o aparato do Estado, elas foram pioneiras em transformar suas múltiplas realidades através do trabalho. Analisando a criação da sulanca (produção têxtil), no campo terminológico e no prático, de como a região se desenvolveu, mudando a vida de todos que fizeram parte desse processo e dos que foram atraídos, se tornando uma região de referência quando se fala em fácil empregabilidade.

Nesta pesquisa tomamos por evidência a trajetória de três mulheres da cidade que fizeram e fazem parte da produção e venda dos produtos da sulanca. Nosso trabalho parte de um estudo no campo do gênero, em interface com o trabalho de memória para problematizar as discussões relativas ao mundo do trabalho em Santa Cruz do Capibaribe – PE. Debruçamos-nos em estudar as imagens sobre a sulanca e estas mulheres, analisando as transformações sofridas, principalmente com o avanço da tecnologia, como isso afetou positiva e negativamente as realidades das pessoas, especialmente das mulheres da época, sabendo que a tecnologia tem um custo, que reprime certos grupos de consumi-las. Explica também como as técnicas foram sendo aprendidas e transmitidas de geração para geração, tudo isso para entendermos

como Santa Cruz do Capibaribe se tornou a segunda maior produtora de roupa do país e tem o maior polo de confecção da América Latina.

Ao longo do trabalho problematizamos normas de gênero que servem de sustentação e atualizam desigualdades no campo do trabalho, uma vez que o gênero é um fator que carrega toda uma narrativa no seu imaginário, criada historicamente por sociedades com estruturas patriarcais. Isto faz com que, a partir do gênero, uma série de tarefas sejam agregadas, por exemplo, quais trabalhos você vai ou não exercer, condicionando, assim, um papel para cada tipo de identificação de gênero.

Como aponta Sandenberg (1998) “ser homem” ou “ser mulher” não é simplesmente um feito natural, biológico, mas o resultado de vários fatores, de ordem econômica, social, política, étnica e cultural que contribuem de forma diversa para a maneira como pensamos, nos comportamos e atuamos enquanto homens e mulheres. Assim trabalhar na perspectiva de gênero significa reconhecer todos esses fatores e interligar os mesmos.

Dado os fatos, analisar o mundo do trabalho através de uma linha de gênero, significa pensar quais foram as desigualdades e forças de resistência, quais foram os processos abordados para tentar reverter essas opressões, trazendo a discussão do macro para o micro, para refletirmos regionalmente.

As autoras Soares, Melo e Bandeira (2014, p. 12), apontam a presença da mão de obra feminina no Brasil desde o primeiro Censo realizado em 1872, mas a historiografia mostra que essa mão de obra sempre esteve presente, de diversas maneiras, inclusive escravizada.

Trazer essas informações é interessante para percebemos que não existe uma delimitação temporal exata sobre quando a mulher começa trabalhar, pois ela sempre exerceu diversas funções. Abordo aqui a delimitação que elas começam a trabalhar com confecções em Santa Cruz do Capibaribe, pois na agricultura e em outras atividades afins, as mesmas sempre estiveram presentes.

A cidade de Santa Cruz do Capibaribe e região tem uma das economias mais sólidas de todo o Estado, e a problemática central que apresento é como, e através de quais processos esse marco foi conquistado, destacando a mulher como ponto principal da pesquisa no mundo do trabalho.

O presente trabalho foi realizado partindo do princípio de documentação direta e indireta, tratando-se, desse modo, de uma revisão bibliográfica que buscou levantar dados e informações no que tange à temática. A estratégia utilizada para classificar os estudos que tratavam do tema foi feita a partir de buscas metodizadas através de consultas em base de dados (SciELO), bem como outras fontes, como o *Google Scholar*, *sites on-line* e fonte imagéticas, reunindo e associando os diferentes conhecimentos encontrados nas fontes e consultas. Os termos descritores utilizados nessas bases de informações foram: “mulher”, “trabalho” “memória” e “sulanca”. As fotografias foram escolhidas por meio da proximidade com a temática abordada, levando em consideração a contextualização. A priori, a seleção dos artigos científicos foi realizada por meio de títulos, em sequência, pelos resumos e, por fim, a sua leitura completa. Além disso, a procura desses artigos não foi limitada por data de sua publicação nem por língua.

A fotografia como fonte já foi bastante questionada, mas se consolidou através de diversos processos e movimentos, e foi essencial para elaboração desse trabalho. Através das correntes intelectuais que consumimos pudemos obter sensibilidades diferentes. Isso não fragiliza a fotografia como fonte, pelo contrário, através de uma fotografia conseguimos perceber, por exemplo, as posições políticas da pessoa, dependendo da pergunta que o pesquisador faz.

Em meados de 1920 um grupo de historiadores, organizado por Lucien Febvre (1878-1956) e Marc Bloch (1886-1944), criou a Escola dos Annales, que foi considerada a antítese do positivismo. A mesma questionava o uso de fontes, possibilitando que outras, além das oficiais fossem usadas, e isso possibilitou um grande avanço para a construção de narrativas de pesquisas que priorizam grupos marginalizados, uma vez que não tem documentação oficial que sirva de base para os mesmos, tendo como ponto central a interdisciplinaridade. Então, a fase de análise dos documentos propõe-se a produzir ou reelaborar conhecimentos e criar formas de compreender os fenômenos.

Este trabalho está dividido da seguinte forma: Introdução; Capítulo 1, no qual é discutido o conceito de gênero, pensado através do mundo do trabalho, a partir de memórias; capítulo 2, no qual discuto a construção de gênero, abordando a história da sulanca em Santa Cruz do Capibaribe, refletindo sobre como esse desenvolvimento ajudou a ampliação do mercado de trabalho; capítulo 3, no qual abordo uma questão mais regional, trazendo, para a realidade abordada, a discussão do mundo do trabalho, fazendo a análise pela ótica de gênero; capítulo 4, no qual trato sobre as memórias de três mulheres de décadas consecutivas, abordando as trajetórias delas, entrelaçando com o desenvolvimento da sulanca, apontando mudanças e continuações das mesmas, destacando o que representava ser mulher na época e, por fim, as considerações finais, nas quais concluo a linha de raciocínio apontando a importância dessa pesquisa para o campo historiográfico, e para minha vida pessoal, e demonstrando como ela impacta positivamente a linha de gênero da universidade.

2 GÊNERO, MEMÓRIA E TRABALHO: UM DEBATE HISTÓRICO

A história da classe trabalhadora é marcada por lutas e resistências no decorrer do percurso histórico, contudo, ao fazemos o recorte de gênero e trabalho, observaremos que, as mulheres ocuparam lugares desfavorecidos durante um longo período, uma vez que as sociedades e culturas onde muitas se situaram, construíram normas e formas de conduta social num sistema de subalternização das mulheres.

No que se refere ao Brasil, observou-se uma sociedade construída pelos pilares do patriarcado: a mulher ocupou cargos marginalizados que sempre associavam a ela o trabalho doméstico e materno como algo natural, uma vez que as narrativas criaram a base para estabelecer paradigmas que creditam o homem como superior à mulher.

No espaço social brasileiro, vimos que os homens em geral ocupavam cargos de poder, em especial no Estado e na Igreja, uma vez que são as instituições que sempre tiveram o poder de decidir o futuro dos povos, então, se homens ocupam esses lugares, a tendência era se colocarem como superiores. Tais aspectos podem ser observados também no mundo do trabalho, sobretudo, no trabalho privado, no qual as empresas têm uma ligação forte com o Estado e a Igreja, ambas dominadas por homens.

Como um contraponto à manutenção do patriarcado, nasceu o feminismo como um movimento social organizado. O movimento feminista caminhou e caminha em duas vertentes para contrapor o machismo: a primeira se dá por meio de suas ações, através de lutas, protestos, subversão, ocupando lugares não habituais; e a segunda acontece no campo teórico, criando e recriando narrativas sobre os sujeitos sociais a partir da relação entre os gêneros. Este movimento elaborou seus próprios pilares,

criando propostas pondo em questionamento o patriarcado na sociedade brasileira e a forma como foram delineadas as relações entre os gêneros.

No contexto social, observamos que os homens, de forma geral, sempre tiveram em lugares de poder, fazendo com que as mulheres sofressem opressão de diversas formas. Em paralelo a isso, a história também foi marcada por lutas e resistências ao patriarcado, em especial no Ocidente, pois no que se refere ao Oriente, as questões em torno da luta e de direitos femininos estão se encaminhando. Entretanto, em ambos os lugares, as mulheres se rebelaram contra os modos como se situavam na sociedade e como seus direitos sociais estavam invisibilizados, muitas das vezes pagando com suas próprias vidas.

Podemos tomar como exemplo de repressão contra as mulheres a inquisição da Igreja Católica no século XVII, que foi impiedosa com todas as mulheres que ousaram se desviar dos paradigmas absolutos da instituição. Nesse recorte histórico, mulheres que se posicionavam de forma divergente dos ideais sociocristãos foram denominadas como bruxas. Destarte, esses grupos minoritários de mulheres começaram a se agrupar. Embora cada uma tivesse suas verdades e motivos individuais, todas reivindicavam questões acerca da mesma problemática: o direito no espaço social, dentro e fora do território privado.

A partir das últimas décadas do século XIX, o feminismo ocupou lugares de poder e começou a se construir como um movimento de força, através de diversas conquistas e avanços. Isso ocorreu principalmente a partir de reivindicações para terem o direito de votar na Inglaterra, ficando as participantes desse movimento conhecidas com sufragettes. Este movimento se deu no início dos anos 1900, devido ao fato de que só homens brancos podiam votar. Esta primeira onda, na contextura do movimento feminista, foi denominada de luta pelo direito ao sufrágio, e nos mostrou como as desigualdades no campo de gênero e da garantia de direitos ainda eram profundas.

Mas essas conquistas serviram para que a mulher se libertasse da concepção de “natureza” imposta, durante o século XIX, pelas tecnologias que se inscrevem no controle da função reprodutora, limitando-a a reproduzir a espécie. Assim, a consciência da sua situação de inferioridade deu origem ao movimento feminista, este “que surgiu em fins do século XVIII e tomou corpo no século XIX, na maioria dos países europeus e nos Estados Unidos” (COSTA e SARDENBERG, 2008, p. 25).

No caso das mulheres negras, elas tinham donos no período da escravidão. Dada esta situação, as mulheres negras sofreram bem mais violências psicológicas e físicas, violências praticadas até por outras mulheres, brancas, como era no caso das suas amas de leite, então a “igualdade de todos”, propagada pelo Estado burguês quando da programação da República de 1889, e da promulgação da Constituição de 1891 se estendia apenas aos homens alfabetizados, o que excluía não apenas as mulheres, mas também a maior parte da população masculina, principalmente as classes trabalhadoras, não sendo, portanto, em nada diferente da “Declaração dos Direitos do Homem”, da França (COSTA e SARDENBERG, 2008, p. 35).

Assim, como se observou na Europa e em outros países das Américas, o feminismo também ganhou força no Brasil através da luta em torno do direito de votar. Diversos grupos de todas as regiões do país se uniram para reivindicar esse direito para, a partir daí, terem a garantia de outros, assumindo várias formas de luta, diversas bandeiras e diferentes facetas: sufragistas, anarquistas, socialistas, comunistas, burguesas e reformistas.

Verificou-se uma trajetória de lutas enveredadas pelas mulheres em movimentos que, nos anos 60 e 70 do século XX, se configurou em vários contextos

desde o parlamento, até as ruas e casas para conquistar e garantir o acesso da mulher aos direitos sociais. Entre os conteúdos das bandeiras de luta levantadas estavam a igualdade de salários e condições dignas de trabalho, a valorização do trabalho doméstico, o direito inalienável de todas ao controle sobre o próprio corpo, gozo e sexualidade, enfim, pela construção de uma sociedade mais justa e igualitária, em que a mulher possa realizar-se plenamente enquanto ser humano e enquanto cidadã (COSTA e SARDENBERG, 2008, p. 32).

Em 1932 veio a conquista do direito de voto por parte das mulheres brasileiras, mesmo que diante de muita resistência, uma vez que os governos vigentes no Brasil até meados da década de 80 do século XX foram governos conservadores e ditatoriais. Segundo Bandeira e Melo (2010) o Rio Grande do Norte, no ano de 1927, se tornou o primeiro estado brasileiro a permitir que as mulheres votassem nas eleições, porém, a Comissão de Poderes do Senado anulou os votos de todas as eleitoras. As pesquisadoras sublinham que há inúmeros indícios sobre a tentativa de mulheres de se alistarem para as eleições de 1928 em diversos lugares do Brasil, mas os registros históricos destas iniciativas são escassos (BANDEIRA e MELO, 2010).

Durante esse processo, vale a pena destacar um movimento importante que tem relação direta com o tema deste estudo: um movimento de operárias com ideologias anarquistas, conhecidas como “União das costureiras, chapeleiras e classes anexas”, que foi fundada por Elvira Boni de Lacerda, juntamente com suas colegas de luta, Lisa Gonçalves de Oliveira, Carmen Ribeiro, Isabel Peleteiro, Noêmia Lopes e Aida Morais (Pinto, 2003, p.35), o movimento denunciava as situações precárias que elas trabalhavam em ateliês de moda e oficinas de costuras no Rio de Janeiro. Organizadas no sindicato, elas lutaram por melhores condições de trabalho, aumento salarial, jornada de oito horas, entre outras pautas próprias da categoria, sendo noticiadas em grandes meios de comunicação e nos jornais, o sindicato contava com cerca de 200 mulheres que trabalhavam no setor de costura e em setores afins, ficando notório que, assim como no mundo, na sociedade brasileira, sempre houve resistência por parte das mulheres.

Na sua obra *O segundo sexo*, 1949, Simone Beauvoir aponta que “Não se nasce mulher, se torna mulher”, então temos que estar atentos para todas as narrativas que associam a mulher a trabalhos específicos, para entender os lugares que elas ocupam. Por consequência dos governos conservadores, o feminismo no Brasil enfrentou diversas barreiras, principalmente em 1964 quando foi instalada a ditadura civil e militar no país. Neste período chamamos atenção a um dispositivo de poder e opressão: o AI-5, deixando um ambiente bem sombrio para aqueles que desejavam progresso.

A violência neste período foi absurda: os militares no poder não toleravam serem contrariados. E foi nesse cenário que o movimento feminista lutou pelos direitos femininos, sendo vigiadas de todas as formas, mesmo assim elas conseguiram, a partir da década de 80 do século XX, vários direitos. Estes advindos, graças ao período de redemocratização, e a partir daí estes direitos foram avançando em diversos temas, entre os quais destaco a criação do Conselho Nacional da Condição da Mulher (CNDM), em 1984.

Com estes esforços o movimento adquiriu muitas conquistas que se ampliaram a partir da Constituição de 1988. Nesse cenário de redemocratização do Brasil, o movimento feminista tentou fazer com que mulheres ingressassem mais fortemente na política. Observamos, assim, mudanças graduais, que permitiram que as mulheres passassem a ocupar diversos cargos, mesmo sendo ainda minoria, mas era algo significativo.

Temos que ter em mente quem são as mulheres que começaram ocupar esses cargos de poder, pois nem todas estavam comprometidas com a causa do feminismo por estarem inseridas em famílias conservadoras e tradicionais, ou por terem maridos conservadores. Neste contexto, a maioria das mulheres que conseguiram ocupar cargos de poder eram brancas e de classe social elevada, diferente das mulheres negras que durante esse período estavam, em sua maioria esmagadora, em espaços marginalizados, sem espaços de lutas, até mesmo em movimentos feministas.

O Brasil foi um país escravocrata e as consequências são visíveis até a atualidade. Se fizermos o recorte sobre as mulheres e a relação com o trabalho e mão de obra, as mulheres negras eram maioria. Elas tinham uma dupla jornada de trabalho e viviam em regiões periféricas, isso não deslegitima o feminismo, mas nos faz compreender a história e mostra que dentro de grupos marginalizados também existem minorias. Enfatizamos que as mulheres negras, mesmo que gradativamente venham ocupando espaço de poder, este ainda ocorre de forma desigual.

Outro ponto que merece destaque é que, mesmo quando a mulher consegue se emancipar financeiramente do marido, ela não consegue ocupar o mesmo espaço que ele ocupa na sociedade. Isto porque nossas sociedades foram arquitetadas historicamente pelos homens e, portanto, o que se tem percebido é a construção de todo um aparato para dificultar a ascensão das mulheres. Mesmo independentes financeiramente, elas vão sofrer preconceitos, ainda mais quando negras.

Com o passar dos anos, principalmente no século XXI as famílias começaram a ter uma diminuição no desejo de ter filhos, desvinculando um pouco a mulher do papel materno. Neste ínterim, houve um crescimento, no contexto do mundo do trabalho, de fábricas que recrutam um grande número de pessoas, em especial do setor têxtil, uma vez que a moda se transformou rapidamente.

No início do século XXI, com os avanços tecnológicos e a globalização, o conceito de família tornou-se gradativamente divergente. Os núcleos familiares, que antes eram compostos por vários filhos, deparam-se com uma realidade segundo a qual ter menos filhos é sinônimo de menos gastos e mais tempo de qualidade.

Houve também o aumento da inserção da mulher no mercado de trabalho, possibilitando assim, o surgimento do seu poder de compra. Com isso os produtos destinados ao público feminino entraram em uma tangente crescente, em especial do setor têxtil, uma vez que a moda se transforma rapidamente e o consumo passa a ser instantâneo, mais ainda quando associado à mulher, criando narrativas que afirmam que a mulher tem que se produzir e, conseqüentemente, consumir mais, fazendo com que o homem venda cada vez mais sua mão de obra, e com que a mulher chegue a este espaço aos poucos.

Assim, numa lógica que intensifica a condição de inferioridade à qual a mulher já vinha sendo submetida, ela passa a ser um importante objeto de interesse da burguesia que, ávida por acumular riqueza, impõe o pagamento de salários inferiores aos do homem e jornadas de trabalho excessivas e insalubres, favorecendo uma exploração e opressão ainda maiores (COSTA e SARDENBERG, 2008).

Observamos que, o movimento feminista teve um papel significativo na luta pelas mulheres e, posteriormente, nas discussões de gênero em virtude das investidas de setores conservadores da sociedade, conseguindo, de alguma forma, resistir a essa engrenagem machista que obrigava a mulher a ocupar lugares e formas inaceitáveis, sempre ganhando menos e trabalhando mais.

Um ponto delicado e que se torna necessário enfatizar é que, refletindo no contexto do mundo do trabalho, verificamos os preconceitos e estereótipos que as mulheres sofreram, mas mais ainda dentro de suas casas, sendo principalmente

agredidas fisicamente. Isso aconteceu no percurso da história social brasileira, que atravessou a casa grande, nos sobrados burgueses e na senzala, atingindo as mulheres de todas as classes sociais, até a contemporaneidade.

No contexto de nossas reflexões, verificamos que esta violência no mundo do trabalho, na vida privada e em várias esferas da vida social feminina, foi garantida pelo o Estado, que colocava a mulher sob as ordens do pai, posteriormente do marido e, na falta dessas figuras, a submissão ocorria mediante a figura masculina mais próxima.

Outro aspecto que fundamentou esta desigualdade foi o campo da historiografia, campo esse que foi dominado, no seu início, por uma linha de pensamento conservadora que narrava apenas as histórias dos grandes heróis, tendo como base as fontes oficiais, deixando às margens todo os acontecimentos das pessoas que ocuparam lugares desfavorecidos e, no caso das mulheres, durante muito tempo elas ficaram ausentes dessas narrativas.

A partir de 1980 as mulheres começam a ser visíveis nas produções, principalmente quando falamos das mulheres operárias. Para Michelle Perrot (2005), Marc Bloch e Lucien Febvre operaram sim uma ruptura significativa no campo historiográfico, mas não reservaram qualquer atenção para a figura feminina, visto que todo o interesse da Escola centrou-se nos planos econômicos e sociais, não deslegitimando toda a importância da Escola dos Annales, ao quebrar o paradigma das grandes narrativas e fontes oficiais, mas deixando de fora a histórias das mulheres, o que deixou evidente o fato de como essa temática ganhou visibilidade no âmbito historiográfico tardiamente.

Os historiadores provocaram uma ruptura na construção das narrativas, permitindo mais espaço para questões antes tidas como de menor ou nenhuma importância. Essa transformação também aconteceu graças ao aumento de mulheres nas universidades, ampliando as possibilidades de pesquisarem e darem visibilidade às suas próprias histórias.

Outro ponto importante para essa ruptura é o que aponta Buarque de Olanda nas suas obras, que é o surgimento do pós-modernismo, abrindo espaço para discussão a contrapelo, de baixo para cima. Ficou evidente que o poder não é algo natural, é algo criado por narrativas, em especial no campo historiográfico.

Estas premissas que apresentamos e refletimos sobre, nos permitiram articular a trajetória de luta das mulheres no Brasil com as questões em torno do trabalho, memória e desenvolvimento da sulanca em Santa Cruz do Capibaribe a partir do trabalho e da atuação das mulheres.

As mulheres foram e são pilares centrais nesse processo, pontuando a desigualdade entre os sexos, pensada a partir de uma perspectiva de gênero, uma vez que relações de gênero são também relações sociais e de poder.

A construção de espaços sexuados transformou o mundo público em um mundo masculino e o privado em um mundo feminino, mas como Foucault (1978) destacou em seus trabalhos, as relações de poder atravessam as questões de gênero, pois, por mais oprimido que um grupo seja, ele vai tentar resistir de alguma forma, através dos mecanismos possíveis.

Historicamente as mulheres estiveram em destaque no trabalho doméstico. Contudo, este tipo de trabalho nunca foi valorizado, pois se encontrava na esfera privada. Esse é o resultado de diversos processos humanos criados através de narrativas e ações do homem, que tinham como pano de fundo a igreja, o Estado e seus aparatos, juntamente com o setor industrial privado, entre outros meios de manobras.

Na contramão vem o movimento feminista que lutou bravamente para inverter esse quadro, mostrando que as mulheres têm capacidade para desenvolver todo tipo de trabalho, e assim, aos poucos, as mulheres foram se inserindo no mercado de trabalho remunerado, em especial na primeira e segunda guerra mundial, quando a mão de obra feminina foi marcante, uma vez que os homens estavam no campo de batalha.

Destaco o setor têxtil, onde a mão de obra feminina sempre foi presente, antes de maneira artesã, depois industrializada. Com a Revolução Industrial a moda teve uma ressignificação, pois virou um dos setores mais lucrativos da indústria. A tecnologia foi uma grande parceira para isso: as máquinas e fertilizantes químicos aumentaram a produção agrícola, além do surgimento da máquina de costura, patenteada em 1851, em seguida surgem as máquinas elétricas, em 1921, acelerando ainda o ritmo do setor.

O ex-presidente da França, Giscard d'Estaing dizia que "A transformação do mundo virá pelas mulheres", e ele estava certo: todas as revoluções tiveram, de alguma forma, o protagonismo feminino no cenário de luta. Deste modo, atualmente, este protagonismo é um ato revolucionário, pois as narrativas estão redescobrimo personagens femininos que por muito tempo ficaram marginalizadas da história.

As mulheres durante muito tempo estiveram associadas a serviços como costurar e bordar, ligadas ao serviço doméstico e não valorizado. Antes da Revolução Francesa, esse ideal criava um imaginário de que as mulheres deviam estar sempre bem vestidas, assim mostrando o seu poder aquisitivo que, com passar do tempo, vira um meio de sobreviver, posto que diversas mulheres sustentassem as casas e seus filhos sozinhas, elas criavam ateliês artesanais, ou trabalhavam em indústrias para conseguirem se manter.

No que se refere à moda, os estilos através do tempo, observamos que as mulheres receberam destaque devido ao seu envolvimento nestas questões. Associar a moda às mulheres como algo natural é algo ingênuo: o estilo de vestimenta de cada sociedade é uma questão de poder, uma comparação bem abrangente é entre Ocidente e o Oriente, cada um com seu estilo de roupas, tendo fundamentação nas suas religiões, e no tipo de governo de cada um. Por isso, na associação da mulher com o mundo da moda devem ser levados em consideração todos os seus processos. Sabemos que cada época e cada sociedade produzem seres diferentes, levando em conta suas individualidades.

A memória é um pilar central no desenvolvimento dessa pesquisa. Ela é essencial para entendermos o desenvolvimento das narrativas de gênero e trabalho, e especial quando acontece a junção de ambos. Trabalhar com memória coletiva é trabalhar com diversas testemunhas, partindo de nós próprios. Toda memória individual é uma memória coletiva em potencial, pois uma vez que vivemos em sociedade, não é necessário participar presencialmente de um evento para ter lembranças sobre ou se sentir pertencente ao mesmo.

Um ponto que deve ser levado em consideração na questão de trabalhar com a memória é o fato de que as testemunhas podem ser acarretadas de falhas, como é o caso do esquecimento. Isso não invalida a testemunha como fonte, no entanto, é um fato a ser considerado: pode acontecer de uma pessoa presenciar um determinado acontecimento, e, com o tempo, acabar esquecendo, e por mais que seja estimulado a lembrar com o uso de outras fontes e de outras testemunhas, pode ser que ele não consiga, pois é um fator natural. A antítese desse ponto é que tem memórias que, independente do tempo, continuam imóveis: as testemunhas podem se inserir em

outras realidades sociais, e a memória continua intacta, isso se dá também por essa memória ser associada a outras, assim ficando estas interligadas.

A memória no campo historiográfico deve ser ligada à identidade social para que, a partir dessa junção, esta seja elaborada por narrativas com causa social, podendo trazer do esquecimento grupos historicamente esquecidos por questões ligadas ao poder. Trazer essas memórias é, antes de tudo, criar memórias com perspectivas diferentes, assim, a memória é socialmente construída, igualmente às fontes.

Como uma narrativa criada, o recorte de gênero no mundo trabalho foi, por muitos anos, deixado de lado, pois a memória utilizada depende da provocação do autor, que antes não interessava em fazer uma história sobre mulheres, por serem minoria, ainda mais associada ao trabalho, campo dominado por homens nas mega narrativas, retrazer essas memórias significa dar vida novamente a essas pessoas, entender seus processos.

3 O TRABALHO E A MEMÓRIA DA SULANCA

A desigualdade e a busca por equidade são fatores fundamentais para a análise da inserção da mulher no mercado de trabalho, pois a mão de obra remunerada foi historicamente ligada ao gênero masculino com meganarrativas ligando a inteligência e a mão de obra ao mesmo, enquanto o gênero feminino esteve em ligação com o papel materno e o trabalho doméstico.

Como já apresentamos, a memória é, no campo historiográfico, construída a partir do questionamento que o pesquisador faz. A memória, assim como as fontes escritas, são recortes de acontecimentos uma vez que não há verdade absoluta, trabalhamos com tese, antítese e síntese sendo que a última passa a ser primeira novamente, e assim caminha a história.

Assim, a memória da mulher no mundo do trabalho teve uma resignificação a partir de novas provocações que a atualidade exigiu, a partir de todas as lutas dos movimentos que buscam equidade dos gêneros, mostrando que ser homem ou mulher tem toda uma carga de atribuições no imaginário a ser trajadas por cada um dos mesmos.

Uma mulher no século XVII tinha atribuições diferentes de uma mulher que nasceu no século XXI. O imaginário de cada época cria narrativas distintas para cada uma, essas modificações não foram alteradas naturalmente, mas através de ações humanas, de lutas e movimentos dos grupos oprimidos. E trazer esses processos e construir narrativas com uma perspectiva feminista é uma ruptura com a historiografia tradicional.

Não podemos definir alguém pelo cargo que ele ocupa no âmbito do trabalho. O cargo não fala muito sobre as pessoas, mas o sexo sim. Através do sexo, no nosso imaginário, ligamos à função que uma pessoa ocupa. O trabalho remunerado foi ligado ao homem, pois na sociedade capitalista a hierarquia econômica é de grande importância: “ser homem” ou “ser mulher” não é simplesmente um feito natural, biológico, mas o resultado de vários fatores – de ordem econômica, social, política, étnica e cultural – que contribuem de forma diversa para a maneira como pensamos, nos comportamos e atuamos enquanto homens e mulheres (SARDENBERG, 1999).

Historicamente o gênero feminino foi construído sendo subordinado ao masculino. Isso refletiu no mundo do trabalho, como consequência direta: a mulher só conseguiu entrar no mercado trabalhista remunerado em grande escala depois das guerras mundiais e com a Revolução Industrial, e desde então o crescimento é

constante. Conforme os dados do Censo de 1872, no conjunto da população feminina com profissão, cerca de 52% das mulheres eram empregadas domésticas e costureiras, o que nos leva a refletir sobre quais funções o sexo feminino era ligado nesse período; e na décadas seguintes o setor têxtil sempre foi marcado por mão de obra feminina.

A mulheres do agreste pernambucano seguiram esse processo mundial, como aconteceu em todas as partes do planeta. O gênero feminino foi ligado ao vestuário, mas utilizou desses processos como ferramenta de antítese à tese machista que mulher devia trabalhar apenas no mercado têxtil primitivo: elas usaram as técnicas aprendidas para se renovar e mudar sua realidade, criando um mercado que cresceu em ritmo acelerado, se tornando não apenas mão de obra, mas empresárias e independentes.

Por vivermos em um mundo globalizado, processos anteriormente citados, dentre eles a Revolução Industrial, tiveram consequência direta na região por ela abrangida, possibilitando que a produção aumentasse e tivesse um desenvolvimento local.

Mas também há que se considerar que fatores como o machismo estrutural, por exemplo, dificultaram a vida das mulheres, sendo um impasse, mas não um bloqueio para a criatividade do agreste pernambucano, mais especificamente a região onde hoje é localizada a cidade de Santa Cruz do Capibaribe.

E pesquisar sobre as histórias dessas mulheres é uma questão política e socialmente importante, pois é trabalhar com memórias esquecidas, com grupos marginalizados, que reconstruíram suas realidades e atribuições de gênero através do mercado de trabalho.

No início dos anos 1900, a Vila onde hoje se localiza a cidade de Santa Cruz do Capibaribe, não tinha uma economia estável. Por estar inserida no agreste pernambucano, não havia chuvas regulares para possibilitar uma agricultura plena. A região dista 180 km da capital do Estado, Recife, e faz parte de um território tradicionalmente denominado Cariris Velhos, com baixa densidade pluviométrica e solos rasos (ANNAHID BURNETT, 2014).

Desse modo, a saída era os homens viajarem para outras regiões, em especial para o Sul, para onde levavam animais, queijos e outros artigos para vender ou trocar. Assim o lugar era uma região bastante carente, sem muita perspectiva de futuro. Por consequência de diversos processos locais, nacionais e mundiais, as mulheres de Santa Cruz do Capibaribe começaram a desenvolver a sulanca (confecção têxtil), mulheres essas que foram essenciais para o desenvolvimento da cidade e região.

A cidade fica localizada no semiárido do agreste pernambucano, com chuvas irregulares e escassas, o que fez com que a agricultura não atendesse às demandas socioeconômicas da comunidade, forçando a população a buscar alternativas à sua sobrevivência. Diante disso, a partir de 1940/50 dá-se início ao desenvolvimento da chamada “sulanca”, como uma alternativa para sobreviver, na tentativa de oferecer ao seu lar uma maior estabilidade financeira, prática essa demasiadamente exitosa, transformando Santa Cruz do Capibaribe em uma cidade industrial (SOUZA, 2012).

Destaco também o significado e a origem do termo “sulanca”, tanto no campo teórico, como na prática, tendo em vista compreender o protagonismo feminino nesse processo. Inicialmente, no caso de Santa Cruz do Capibaribe, as mulheres eram majoritariamente as artesãs da sulanca, de início para uso próprio e familiar, em seguida para escambo, e depois para vender, prática que subsiste até a atualidade.

Reconhecido como o segundo maior produtor de confecções do Brasil pelo SENAI (Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial.), o município de Santa Cruz do

Capibaribe representa, juntamente com os municípios de Caruaru e Toritama, um dos maiores polos produtivos de Pernambuco, além de um importante foco de trânsito e escoamento de mercadorias têxteis de todo o Nordeste brasileiro.

Sendo a terceira maior cidade do Agreste Pernambucano, e a décima-quarta do estado, conta com uma população de 91.891 habitantes (IBGE/2012). Ademais, reúne grandes centros de comércio, como: o Moda Center Santa Cruz (maior parque de confecções da América Latina); (SENAI) o Calçadão Miguel Arraes de Alencar; o Santa Cruz Mart Moda e ainda a construção de outros grandes centros, mostrando a dinâmica e o desenvolvimento econômico da cidade.

Tentar situar temporalmente o marco inicial das atividades de confecções no agreste é uma tarefa complexa, tendo em vista que muitos dos vestígios desse desenvolvimento antecedem até mesmo a emancipação plena das cidades pernambucanas, como é o exemplo de Santa Cruz. Tal movimento de iniciação produtiva remete às raízes familiares, quando ainda dentro do núcleo familiar.

A mulher via-se no papel de produzir para o uso próprio, depois produzia como moeda de troca. A princípio as sobras de peças de tecidos vinham do Recife, Camaragibe e Olinda, para as mulheres costurarem as roupas dos filhos em comemoração à passagem de ano, evidenciando, assim, o seu caráter familiar. Sá (2011) afirmou que nos anos trinta os pedaços de pano descartados no processo industrial das fábricas têxteis vinham de Recife e as costureiras usavam esses retalhos na produção de colchas que serviam como moedas de troca.

Campello (1983) pontuou que a ampliação das denominadas “sulancas” aconteceu mais intensamente durante a década de 1960 e 1970, pois, começou a ser bastante comum, nas residências locais, a existência de uma ou duas máquinas de costura sendo a “mãe de família” a responsável pela confecção das roupas por encomenda ou por conta própria.

A grande quantidade de matéria-prima e mão-de-obra disponível intensificaram a fabricação de confecções a baixo custo e, frequentemente menos elaboradas, levadas para serem comercializadas tanto na feira livre semanal da cidade, onde se dividia espaço com produtos oriundos de outras matrizes produtivas, como com animais, frutas e outros que foram superados pela sulanca.

A partir de 1975 a produção de sulanca já era conhecida por todo o Nordeste. Dessa forma o agreste pernambucano ganhou projeção por ter, na sua economia, o setor de confecções em pleno desenvolvimento. O recém-denominado Polo de Confecções do Agreste de Pernambuco, abrange as cidades da microrregião do Alto do Capibaribe (Santa Cruz do Capibaribe, Toritama, Taquaritinga do Norte, Vertentes e Surubim), da microrregião do Vale do Ipojuca (Caruaru, Brejo da Madre de Deus e Riacho das Almas) e da microrregião do Brejo Pernambucano (Cupira e Agrestina).

A origem do surgimento desse aglomerado produtivo está atrelada às atividades primárias desenvolvidas nas feiras, tendo como destaque as cidades de Santa Cruz do Capibaribe, Toritama e Caruaru. Dessa forma, reafirmando a presença feminina efetiva e determinante, a feira é um lugar onde se comercializam muito mais que produtos, ou seja, os saberes e fazeres também são comercializados neste ambiente, havendo a integração entre o econômico e o social ligados às histórias de vida dos personagens que compõem a feira livre (NORA; ZANINI, 2015).

A indústria têxtil recifense sofreu uma queda na sua produção e os retalhos passaram a ser trazidos de São Paulo por comerciantes que saíam de Pernambuco. O aumento na atividade de confecções têxtil na região aconteceu após a incorporação desses retalhos vindos do Sudeste dentro do comércio pernambucano, gerando os primeiros ímpetus de produção doméstica em série.

Desse modo, quando a mão de obra familiar não mais tinha condições de suprir a demanda de trabalho que a produção crescente exigia, outras pessoas (vizinhos ou parentes mais distantes) passavam a ser chamadas para exercerem um trabalho informal, de remunerações segmentadas e ligadas à produtividade diária individual, conferindo, seguindo esses moldes, uma dinâmica bem definida a tais centros de produção, conhecidos como “fabricos”.

Visto que todas as técnicas de costura e cortes de todos os processos da fabricação foram transmitidas de forma informal, através das gerações, de mãe para filha, de amiga para amiga, só no auge do seu desenvolvimento econômico é que setores de formação começam a olhar para a região, ainda assim atingindo uma pequena parcela da cidade.

Essa imagem abaixo expressa toda a discussão que venho fazendo. Nela está presente um dos primeiros produtos comercializados em Santa Cruz do Capibaribe: a colcha de retalhos feita da sulanca. Esta senhora costurava os produtos de sulanca para a fabricação de colcha.

Figura 1 - Mulher costurando colcha de retalho



Fonte: Arcevo (historiandoscc.com, 1982),

A etimologia da palavra sulanca é, na verdade, incerta. Alguns registros indicam que vem de “helanca vinda do Sul” (helanca, por sua vez, é um tipo de tecido), sulanca seria, pois, a união desses dois termos. Existe, também, outra versão popularmente conhecida pela cidade: algumas pessoas relatam um fato que teria originado o termo sulanca, dizem que um comprador de roupas (ninguém sabe quem foi), enquanto olhava as peças que iria comprar, ficou procurando um termo para classificar aqueles produtos e o associou à sucata.

Como sucata é um termo utilizado normalmente para metais, ele criou espontaneamente uma derivação: sulanca, que seria uma espécie de sucata de tecido. A partir desse momento, como referencial inaugural, as mulheres, devido às confecções feitas e vendidas majoritariamente pela participação feminina, começaram a se tornar símbolos da atividade industrial da cidade, pois elas são, muitas vezes, responsáveis pela manutenção da finança familiar e das estruturas econômicas da cidade.

A colcha de retalho foi a primeira peça a ser trabalhada: diversas sobras de tecidos eram emendadas em uma colcha, sendo a pioneira. Ela foi produzida em grande escala, de início para uso próprio, em seguida para o comércio, visto que as pessoas que tinham condições de comprar colchas sem ser de retalhos eram minoria. Por serem feitas de sobras de panos, o valor era bem acessível, gerando, assim, uma pequena margem de lucro para quem a produzia.

4 TRABALHO FEMININO EM SANTA CRUZ DO CAPIBARIBE

O mundo do trabalho em Santa Cruz do Capibaribe, assim como os processos de outras cidades, é marcado por diversos fatores complexos, principalmente o de exploração, pois em sociedades que vivem em capitalismo primitivos, é comum ocorrer a desigualdade de forma extrema, e pela ótica de gênero, se torna ainda mais delicado analisar, pois apesar da superação, a mulher da década de 50 do século XX era cercada por formas de opressão.

Diversos processos e fatores foram essenciais para a região se tornar destaque no setor têxtil, entre eles destacamos o trabalho na região marcado por longo horário de trabalho e mão de obra pesada, primeiro na agricultura, segundo na confecção.

Como vem sendo demonstrado, a história de Santa Cruz do Capibaribe teve como protagonistas as mulheres em seu desenvolvimento, principalmente na esfera econômica, as quais, através da sulanca, fortaleceram a economia familiar e da região. A feira livre ganhou destaque na região, trazendo dezenas de compradores semanalmente. Na produção e na venda da sulanca as mulheres foram pilares centrais, como mostra a imagem a seguir (figura 2):

Figura 2 - Mulheres produzindo roupas para feira da sulanca



Fonte: Acervo pessoal de Jose Ramildo Bezerra (1995),

A imagem mostra como as peças eram confeccionadas: no fundo de uma casa, só com as mulheres fazendo todo o processo da produção, enfatizando como a história de Santa Cruz do Capibaribe foi costurada por mãos femininas e essa dinâmica evoluiu de forma gradativa até projetar o município e tornar a cidade um polo industrial.

As mulheres conseguiram independência financeira, passando a inverter o papel de gênero imposto pela sociedade, e começaram a ser responsáveis pela casa,

assumindo o papel de chefe da família, sendo algo nunca visto antes na região, pois, as mesmas sempre trabalharam, na agricultura e em serviços domésticos, mas dado os fatos da limitação econômica que a região tinha, não conseguiam ascender socialmente no mundo do trabalho.

A partir do cenário pós sulanca, a mulher que morava no campo conseguiu crescer economicamente, passando a gerir seu próprio negócio e trazendo seus pares consigo. A abertura de pequenas produções têxteis com sulanca proporcionou oportunidades para diversas outras pessoas trabalharem, mudando o cenário de uma região na qual o índice de desemprego era altíssimo. Ressaltamos que esses empregos se mantinham na informalidade e esta é uma realidade que permanece até a atualidade uma vez que as peças fabricadas nesses fabricos são extremamente baratas e não esse valor não pode pesar, neste processo, a mão de obra.

Figura 3 - Mulheres vendendo sulanca em feira livre



Fonte: Acervo pessoal de José Ramildo Bezerra (1970),

O processo final da sulanca, em Santa Cruz do Capibaribe, consiste na venda do produto produzido. Todo processo tinha seu início na feira livre, pois as mulheres vendiam sua mercadoria no chão, como podemos ver na figura acima (figura 2), a estrutura é uma colcha de retalho forrada no chão, feita por elas próprias, e, em cima, elas expõem algumas mercadorias, com grande destaque para a colcha de retalhos, então fica evidente que a mulher foi o eixo que transformou a história da cidade (BURNETT, 2013).

A cada dia que se passava as técnicas de fabricação pelas mulheres foram se transformando e sendo ampliadas pelas costureiras, para melhorar e agilizar a produção, visto que a demanda crescia, a feira passou a ser conhecida em todo o Nordeste. Sulanca transformou-se num sucesso, após os anos de 1970 todo tipo de roupa era confeccionado, desde lençol até vestido de noiva, e o ponto central era o preço baixo (BURNETT, 2013).

A produção para uso próprio também continuou: elas próprias faziam as suas roupas e as dos seus filhos, e assim a sulanca se tornou "ouro". Em 2006, o PNUD/IPEA/FJP, Atlas do Desenvolvimento Humano do Brasil, realizou uma pesquisa mostrando que, após a ilha de Fernando de Noronha, a cidade com menos pobres em relação à sua população total no estado de Pernambuco era Santa Cruz do Capibaribe, seguida de Toritama. (QUEIROZ, 2016). Atualmente o PIB de Santa Cruz

do Capibaribe cresce ao "ritmo chinês" de 13,5%, bem acima do PIB nacional, e, segundo o SEBRAE, o estado de Pernambuco possui 22 mil empresas do ramo de confecção, sendo que cerca de 85% ficam em Santa Cruz do Capibaribe. (QUEIROZ, 2016).

Dados de 2010, divulgados pelo IBGE, mostraram que cerca de 97,73% da população santa-cruzense já vive na zona urbana, e entre esses pontos percentuais que vivem na zona rural, podemos ter certeza de que pelo menos uma parte destes produzem algum tipo de confecção em horários alternativos ao horário do campo. (CLEBER SILVA, JOSIANE SILVA, PEDRO SILVA, 2017). Dado os fatos, a criação da sulanca transformou a realidade das mulheres de Santa Cruz do Capibaribe e de toda sua região, atraindo a população da zona rural para a zona urbana e se desenvolvendo, tendo, assim, mais qualidade de vida e uma maior seguridade.

A feira livre sempre foi um centro de comércio forte em toda região do Nordeste: diversas cidades sempre dependeram da mesma para se sustentar. Essas feiras sempre eram criadas às margens de rios, pois era onde passava o caminho das boiadas que adentram as regiões, assim sempre teria público para a feira. A de Santa Cruz foi criada posteriormente à de Caruaru, feira essa bastante tradicional e conhecida (ROMENYCK, 2012).

Graças a essas feiras livres, as costureiras tinham onde mostrar e comercializar suas produções. A partir de 1979 foi criada a feira da sulanca, sendo comercializadas, neste espaço, apenas mercadorias de origem têxtil, tendo sua independência da feira livre, na qual todo tipo de mercadoria era comercializada.

É popularmente conhecida a história que uma costureira ficou sabendo que haviam turistas da Bahia na cidade e foi tentar vender o que ela produzia na calçada da rua, e outras costureiras seguiram o exemplo e foi assim que se iniciou a feira da sulanca. Essa feira foi sendo ampliada cada vez mais e se modificando como podemos ver na imagem seguinte (figura 4):

Figura 4 - Feira livre de confecção da sulanca



Fonte: www.blogdoneylima.com.br (acesso em: 11/10/2022),

A feira da sulanca passou a ter uma estrutura renovada, com os bancos de madeira, possibilitando uma melhor visibilidade para as mercadorias expostas, que antes eram expostas no chão, a partir dos anos 70 do século XX os homens começaram a se inserir no mercado da sulanca, sendo mais notórios nas feiras, onde levavam as peças fabricadas por mulheres para vender. Esse sempre foi um mercado associado às mulheres, eles começam a ajudar nessas atividades devido ao tamanho do sucesso da atividade.

Santa Cruz do Capibaribe passou a atrair pessoas das cidades do Nordeste, e, devido à facilidade de empregabilidade da região, as pessoas começaram a migrar, em busca de emprego, e geralmente conseguiam: apesar da mão de obra ser mal remunerada, elas tinham um emprego, e é comum que a produção seja paga por peça produzida, estimulando, assim, longas jornadas de trabalho.

Em 2007 o IBGE constatou que Santa Cruz foi o município cuja economia e população mais cresceram em Pernambuco nos últimos 20 anos, passando de 38.332 habitantes em 1991, para 73.680 em 2007, quase que o dobro.

No passo a passo dos processos que foram feitos pelas as mulheres na confecção de uma peça têxtil estava presente anteriormente a maneira manual, e na atualidade, esse processo é mais mecanizado (ALANA SOUZA, 2012.)

Temos que ter em mente que, apesar da tecnologia ter transformado a produção de todo o mundo, e que isto não foi diferente em Santa Cruz do Capibaribe, existem as particularidades de cada sociedade. Em Santa Cruz, com o uso das máquinas elétricas e equipamentos afins, a produção cresceu de forma elevada, mas tem os casos de mulheres que não conseguiram se adaptar a esses meios, por uma série de questões.

Portanto, ainda existe em grande escala em Santa Cruz, processos manuais, visto o grande número de pontos de fabricos informais que funcionam nas suas próprias casas, com pequena quantidade de trabalhadores ou como muitas vezes pode-se presenciar, apenas com os moradores da casa fazendo com que a carga e o horário de trabalho sejam elevados e o retorno financeiro seja baixo.

As formas manuais perpetraram até os fins dos anos 90 do século XX, depois disso a mais mecanizada surge, notadamente depois dos anos 2.000, graças, principalmente, à possibilidade de financiamento de máquinas elétricas em Santa Cruz do Capibaribe.

No início da produção da sulanca em Santa Cruz do Capibaribe o que predominava era a produção manual que, como dito, existiu de forma mais intensa até os últimos anos da década de 90 do século XX, tendo uma queda graças ao avanço da tecnologia. O primeiro processo era comprar o retalho, que seriam os restos de panos vindos das fabricas têxtis, de início estes restos eram usados como escambo: animais ou alimentos eram trocados por peças de retalhos de tecidos; ao aumentar a produção, esse retalho foi sendo valorizado e passando a ser vendido no quilo.

O segundo passo do processo seria cortar esse retalho, dar forma ao tecido, dependendo de qual peça têxtil se queria fazer, a modelagem, que é o desenho no tecido, e o corte eram feitos manualmente, e cortados com tesoura à mão, cortando cada tipo de tecido um por um, sendo um trabalho extremamente cansativo e demorado. Os calos nas mãos das mulheres sempre estiveram presentes.

O terceiro passo era costurar as partes cortadas com a mão, costurando com agulha ou com a máquina manual, que controlava com os pés e mãos, num movimento repetitivo. A quantidade de processos ia depender do tipo de peça a ser produzida. Inicialmente a colcha de retalho era a mais produzida. Sendo uma peça menos elaborada não tinha tantos detalhes para costurar. Essa produção, na maioria

das vezes, acontecia e acontece em espaços da casa, como mostra a foto seguinte (figura 5):

Figura 5 - Ambiente residencial com máquina de costura de produtos para Sulanca



Fonte: Acervo pessoal José David Barbosa (2022).

Apesar de muito repetitivo, por costurar pedaço por pedaço de pano até virar uma colcha, esta peça tinha poucas etapas, mas quando a peça era mais trabalhosa, tipo um vestido, os processos eram mais detalhados e se gastava mais tempo e atenção das costureiras. Outro exemplo de peça detalhada que podemos discorrer: fazer uma calcinha, que aparentemente é uma peça simples, mas precisa empanar, que é colocar o fundo da calcinha, colocar elástico em uma perna da calcinha, fechar um lado da calcinha, colocar elástico na outra perna, fechar o outro lado da calcinha... todos esses processos foram baseados em uma calcinha simples, e fica evidente o trabalho que dá para produzir grande quantidade, fazendo uma por uma.

O próximo passo do processo da sulanca é o “aprontamento” das peças, que seria tirar a pontas de linha, que são as linhas que ficam passando da costura, geralmente essas linhas são tiradas com fogo, usando candeeiros ou velas, também faz parte do processo de finalização arrumar elas, embolsar e arrumar. Dependendo do tipo de mercadora, tem um aprontamento específico: peças detalhadas tinham que se colocar brilhos, pedras, lembrando que todo esse processo era feito de forma manual, mostrando a habilidade e a vontade de aprendizado, pois, como dito, foi um aprendizado de maneira informal.

A foto abaixo mostra como o processo de tirar ponta de linha é feito: com uma vela, a sala da casa se torna local de trabalho, misturando o público com o privado, de maneira totalmente informal, sem seguir nenhuma regra determinada pela segurança do trabalho, assim como todos os outros processos, esse também acontece dentro de casa, em todos os ambientes da casa, sendo algo vantajoso para o patrão, uma vez que não precisa oferecer e sustentar um local de trabalho, evitando gastos como energia e água, e sem ter vínculo trabalhista direto com o funcionário.

Vejamos na imagem abaixo (figura 6):

Figura 6 - Mulher tirando linha de peças com vela



Fonte: Acervo Pessoal de José David Barbosa (2022).

Há diferença dos processos do início da sulanca para a atualidade. Ocorre que, com a inserção da tecnologia, os processos ficaram mais rápidos, como o caso da máquina elétrica, máquina de cortar pano, máquina de bordar. Mas a maioria das práticas manuais ainda permanecem, principalmente nos ambientes informais, que representam a maioria dos pontos de produção em Santa Cruz do Capibaribe.

5 HISTÓRIAS SOBRE MULHERES NO TRABALHO COM A SULANCA EM SANTA CRUZ DO CAPIBARIBE – PE

Nesse tópico nos debruçamos sobre as histórias que pesquisei e ouvi sobre o trabalho das mulheres na feira da sulanca. São memórias que também fazem parte da composição da minha vida, já que venho de uma tradição de mulheres trabalhadoras da sulanca na cidade.

Nasci em uma casa que tinha um fabrico de sulanca, vivi todo contexto de minha vida envolto por mulheres que sempre tiveram independência financeira devido às suas atuações na produção e venda dos produtos da sulanca, sendo as responsáveis pela casa nos serviços domésticos e financeiros. Destaco minha Avó, Maria Boaventura, minha Mãe Rosinete Barboza, e minha tia Graciete Boaventura, as três mulheres pretas, mostrando como Santa Cruz do Capibaribe tinha menos dificuldade para ter acesso a trabalho. Como dito anteriormente, mulheres negras, por dívida histórica, tiveram. e têm mais dificuldade de acesso ao trabalho. Cada uma delas entrou no mercado de trabalho em décadas diferentes, assim destaco o que mudou de uma para outra, as vantagens e as dificuldades.

Figura 7- Maria Boaventura costurando retalhos de pano



Fonte: Acervo pessoal, José David Barbosa (2022).

A primeira nasceu em 1947, na zona rural, no sítio do Machado de Santa Cruz do Capibaribe. Acompanhou todo o processo de desenvolvimento da sulanca e, assim como as mulheres da década de 40 do século XX, era limitada financeiramente, posto que a agricultura era inviável dadas as condições climáticas e de solo, ficavam dependentes, mas sempre trabalharam, fazendo comida, como no caso da Maria, que fazia queijo que servia como moeda de troca. Elas sempre estiveram presentes na agricultura frágil da época e no trabalho doméstico.

Em meados de 1960 Maria, com 13 anos de idade, começou a ter contato com os retalhos de panos, com os quais inicialmente começou a fazer peças para o uso próprio, principalmente a colcha de retalhos que foi a pioneira, posteriormente passou a fazer, para uso próprio e da família, algumas peças de roupas, visto que não se tinha condições de comprar. Quando a sulanca virou moeda de troca, ela se tornou o passaporte para uma ascensão. Aos 17 anos Maria já sobrevivia da sulanca, produzindo roupas encomendadas, as quais eram feitas em sua própria casa, com a máquina “tatuzinha”, fazendo um processo todo caseiro. Já casada, tinha uma renda maior que a do seu marido, que passou a ser ajudante dela, mas como vivemos em uma sociedade na qual o machismo é estrutural, parte do lucro dela ficava para ele.

Tiveram nove filhas mulheres, a todas foram ensinadas os passos da sulanca, uma vez que ir á escola não era opção, pois não havia escola na zona rural, nem transporte, e somando com a necessidade de ganhar algum dinheiro para ajudar em casa, elas entraram no mercado de trabalho logo na infância. Maria tinha que cuidar de suas filhas e trabalhar, contado com a distância de morar na zona rural. Era normal ir caminhando por duas horas para a feira livre de Santa Cruz, para vender sua produção, ou para comprar alguma matéria prima, mostrando o quanto era difícil o processo de produção e venda da sulanca, visto que grande parte da produção era feita na zona rural, no início da sulanca.

Figura 8 - Máquina de Costura Manual



Fonte: Acervo Pessoal, José David Barbosa (2022).

A foto acima é da “tatuzinha”, máquina manual que Maria fazia todas suas peças. Ela ainda usa na atualidade por achar que deixa um melhor acabamento na peça, mas enquanto uma máquina manual faz uma peça, a elétrica faz mais, com menos esforço, mostrando o quanto a tecnologia foi importante para o aumento da produção.

Rosinete Maria Barbosa, filha de Maria, também nasceu no sítio do Machado. Ela adentrou no mercado têxtil na década de 80 do século XX. Com uns 13 anos de idade já dominava com maestria todos os processos e tinha uma renda, mas desde muito pequena sempre ajudou sua mãe nos serviços, assim como as mulheres da época.

Figura 9 - Rosinete Maria Barbosa costurando em máquina manual



Fonte: Acervo Pessoal, José David Barbosa (2022).

Era muito mais naturalizado para as meninas aprenderem os serviços da confecção do que os domésticos. Rosa, por ser a filha mais velha e em uma época não muito distante, teve um processo parecido com o de Maria, tendo que cuidar de suas irmãs mais novas e trabalhar. De início ela fazia peças por encomenda, depois passou a trabalhar em um fabrico e, por fim, começou a produzir peças para ela mesma, tendo uma margem de lucro maior. Nessa época, a sulanca estava no seu auge: o que era produzido era vendido. A feira da sulanca era conhecida em todo o âmbito nordestino, atraindo centenas de milhares de pessoas, assim Rosa conseguiu, através do seu trabalho, ter independência financeira, e comprar casa própria e bens básicos para o bem estar, e ajudar sua família, por ser a mais velha. Assim, vemos que o “papel do homem” era feito por mulheres.

Por ser mulher, Rosinete Maria Barboza, assim como todas as mulheres da época, tinha destino condicionado por diversos fatores, um dos principais, o gênero, mulher tinha que casar e ter filhos, e se resumir a isso. Graças ao desenvolvimento da sulanca, ela, como as outras, tiveram a possibilidade de se libertar dessas amarras e, com a independência financeira, conseguiram desconstruir paradigmas sexistas.

A filha do meio, Graciete, nascida em Santa Cruz do Capibaribe entre as nove irmãs, foi a que teve chance de estudar. Na década de 90 do século XX, a família de Maria já morava na zona urbana pois, com o desenvolvimento da sulanca, a migração para o centro urbano foi expressiva, possibilitando ter acesso à educação.

Ressaltamos que Graciete assim como as outras filhas, teve contato com a sulanca logo na infância, assim, conciliou estudo e trabalho, mas tendo empenho de toda família para que ela conseguisse se manter, pois não tinha como todas as irmãs estudarem, passando meio período fora do fabrico, sem produzir, uma vez que o econômico era a prioridade. Graciete passou quatro anos da sua vida trabalhando durante o dia e viajando à noite para Caruaru, onde cursou Pedagogia na FAFICA (Faculdade de Filosofia, Ciência e Letras de Caruaru). Assim, graças à sulanca, conseguiu pagar seus estudos e se manter.

Figura 10 - Reportagem sobre Graciete Boaventura



Fonte: Acervo Pessoal, José David Barbosa (2004).

Na imagem, o orgulho de Maria, mulher preta e pobre que conseguiu formar uma de suas filhas em um curso superior, raridade da época. Trata-se de um jornal local que divulga que a família está em festa, mostrando que a sulanca serviu de base para essa conquista. Na matéria ela já está concluindo a pós-graduação, e mesmo assim nunca deixou a sulanca, mostrando que o retorno financeiro é viável.

Dado os fatos aqui apresentados, fica evidente que a sulanca propiciou uma ruptura com a estrutura patriarcal, sendo uma realidade singular às mulheres de Santa Cruz do Capibaribe que mudaram suas realidades, e transformaram as futuras, oportunizando, através do trabalho, um leque de oportunidades. O casamento e filhos passaram a ser planos secundários ou excluídos.

As três mulheres apresentadas refletem a história da cidade e a realidade das que convivem nessa região: trabalho como pilar principal para a liberdade individual, conseguindo ter sucesso na vida privada e pública. Aqui a palavra sucesso vai além do sentido capitalista, uso no sentido de realização pessoal.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da pesquisa ficou evidente que a mulher teve ligação em todos os processos de desenvolvimento de Santa Cruz do Capibaribe. A cidade conta com baixo nível de desemprego e oferece poder de consumo aos moradores. Tudo isso graças ao empenho que as mulheres tiveram no início do desenvolvimento da sulanca, que transformou as suas realidades, fornecendo a elas uma melhor qualidade de vida.

Esses fatores positivos tem contato direto com o movimento feminista, pois mulheres empreendedoras sempre sofreram resistência, e em Santa Cruz não foi diferente, mas por terem obtido retorno financeiro, conseguiriam meios mais rápidos para enfrentar o patriarcado. Evidencio que a sulanca e a mulher são sinônimos. Quando pretendi fazer essa pesquisa por uma ótica de gênero, me desafiei a fazer uma história a contrapelo, vista de baixo, pois trabalhar com fontes não oficiais é um desafio, entretanto também é prazeroso quando consideramos a quantidade de outras fontes disponíveis. E não podemos nos prender apenas a pontos positivos, para não escrevermos uma história romantizada. Como destaquei, houve também a exploração que essas mulheres sofreram durante esse processo de transformação.

As mulheres, em Santa Cruz do Capibaribe, fizeram o papel daquele que as oprimiam, fizeram o papel do Estado, pois a cidade não recebeu incentivo, fizeram também o papel do homem, que dada a estrutura da sociedade era quem devia manter a casa, e fizeram o papel da indústria privada, se tornando elas. Tudo isso fazendo com maestria e bom-senso, sem repetir as opressões que os setores pregavam nas outras sociedades. Assim a mulher conseguiu realizar seus sonhos através do seu trabalho.

Abordar esse assunto é trazer à tona uma parte do meu eu, das minhas memórias e das minhas vivências. É deixar explícito que esses processos apresentados sempre estiveram presentes na minha vida e sem os mesmos, grande parte de mim não existiria. Trabalhar com esse tema é sentir uma sensação de dever cumprido por conseguir, de alguma forma, eternizar essas memórias, principalmente quando trato de pessoas próximas a mim.

Elaborar essa pesquisa abordando gênero como um dos temas centrais, é contribuir para o campo acadêmico pós-estruturalista, com uma narrativa voltada para grupos oprimidos, em especial por tratar da mulher no âmbito do trabalho. Trabalhar com rupturas e continuidades é uma consequência da vertente que segui na minha

graduação, focando na História Social juntamente com Historia Local, e abordar ambas, nessa pesquisa, é uma satisfação pessoal e profissional.

As mulheres de Santa Cruz do Capibaribe entraram para a história, é fato. Poder contribuir na criação dessas narrativas através da minha visão e das minhas problemáticas é colocar todo o conhecimento que obtive na universidade e na vida em prática, em especial produzir na linha de gênero que é de extrema importância na elaboração de trabalhos científicos, concretizando como um tema central para democratizar o conhecimento dos direitos das mulheres.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEAUVOIR, Simone, **O patriarcado e os mitos nas relações de poder entre homens e mulheres. beauvoir**, “Moodle USP: E-Disciplinas.” São Paulo: Edisciplinas.usp.br, 2020.
edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5569693/mod_resource/content/1/PE ROT%20Michelle.%20Os%20excluidos%20da%20hist%C3%B3ria.pdf.

BURNETT, A. A “saga” dos retalheiros: um estudo sobre a instituição da feira da Sulanca no Agreste Pernambucano. **Século XXI: Revista de Ciências Sociais**, [S. l.], v. 3, n. 2, p. 09–40, 2014. DOI: 10.5902/2236672512791. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/seculoxxi/article/view/12791>. Acesso em: 01 nov. 2022

BURNETT, A. As raízes rurais da feira da Sulanca no Agreste Pernambucano. **Extensão Rural**, [S. l.], v. 21, n. 4, p. 09–31, 2014. DOI: 10.5902/2318179614755. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/extensaorural/article/view/14755>. Acesso em: 01 nov. 2022

BURNETT, Annahid, O “ponto de mutação” da Sulanca no Agreste de Pernambuco, **História Oral**, ARTIGOS VARIADOS, v. 17, n. 2, p. 153-171, jul./dez. 2014.

CADERNOS de FORMAÇÃO. Mulheres: Mundo Do Trabalho Autonomia Econômica as Mulheres E O Mercado de Trabalho. **Centro de Estudos Sindicais e de Economia do Trabalho (CESIT)**, 10 Oct. 2022.

SARDENBERG, Cecilia, Maria. O TRABALHO FEMININO NO BRASIL: DESIGUALDADES de GÊNERO E CONTRASTES REGIONAIS. **1Winter .Coleção Bahianas**, v. 01, n 09, p 23. 2022.

D’ ALONSO, G.L. Trabalhadoras brasileiras e a relação com o trabalho: trajetórias e travessias. **Psicol Am Lat**. México. N.15, dez. 2008. Disponível em < <http://www.inesc.org.br>> Acesso em 17 de setembro de 2012.

IBGE – **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**, 1991 a 2012. Disponível em: [IBGE | Portal do IBGE | IBGE](https://www.ibge.gov.br) Acesso em 10 de novembro de 2022.

MUNIZ, D. do C. G. Sobre História e Historiografia das Mulheres. **Caderno Espaço Feminino**, [S. l.], v. 31, n. 1, 2018. DOI: 10.14393/CEF-v31n1-2018-8. Disponível em: Sobre História e Historiografia das Mulheres | Caderno Espaço Feminino (ufu.br). Acesso em: 21 nov. 2022.

NETO, Urbano Cabral da Nóbrega, **O novo espaço de comercialização de Santa Cruz do Capibaribe: o caso do Moda Center**.2014 Dissertação de mestrado(administração), Universidade Federal Rural de Pernambuco-UFRPE, Recife,2014.

SARDENBERG, Cecilia M. B. **In the backyard of the factory: gender, class, power, and community in Bahia, Brazil**. Ann Arbor, Michigan:UMI Dissertation Services, 1997.

SILVA, Tânia Maria Gomes da. Trajetória da historiografia das mulheres no Brasil. Politeia - **História E Sociedade**, vol. 8, no.,p1-9 2008, yperiodicos2.uesb.br/index.php/politeia/article/view/3871. Acesso 10 Nov. 2022.

Soihet, Rachel, et al. A história das mulheres. cultura e poder das mulheres: ensaio de historiografia.” **Revista Gênero**, Niterói, vol. 2, no. 1, 19 Dec. 2012, 10.22409/rg.v2i1.282. Acesso 28 Oct. 2021.

SOUZA, E. DE. Bandeiras feministas na luta pela igualdade de gênero. **Revista Espaço Acadêmico**, v. 9, n. 108, p. 111-119, 2 abr. 2010.

SOUZA, Alana Moraes de, Aqui é o lugar do progresso: produzindo roupas e significados na disputa pela modernidade das confecções do agreste, **Revista Espaço de Diálogo e Desconexão**, Araraquara, v.5, n. 1,p 32, jul/dez. 2012.

SOIHET, R. Enfoques feministas e a História: desafios e perspectivas. in: SAMARA, E. M.; SOIHEt, R.; MATOS, M. i. S. de. (Org.). **Gênero em Debate: trajetórias e perspectivas na historiografia contemporânea**. São Paulo: Educ, 1997a. p. 55-82.

HOLLANDA, H. H. O. B. **Feminismo em tempos pós-modernos**. Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 7-19.

BASSANEZI, C. B. **Virando as páginas, revendo as mulheres: revistas femininas e relações homem-mulher, 1945-1964**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.